

DOI: <https://doi.org/10.61895/pl.v19i37.23438>

“CARTOGRAFIAS PARA DEPOIS DO FIM”: UMA ANÁLISE DA PERSPECTIVA ORIGINÁRIA ANCESTRAL EM TORNO DAS QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS NO PENSAMENTO DE AILTON KRENAK

Ayrton Matheus da Silva Nascimento

Doutorando em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGEcoH/UNEB)

E-mail: ayrtonmatheus2015@hotmail.com <https://orcid.org/0000-0001-7856-1631>**Carlos Alberto Batista dos Santos**

Doutor em Etnobiologia e Conservação da Natureza (UFRPE)

E-mail: cabsantos@uneb.com <https://orcid.org/0000-0002-2049-5237>

Resumo

As discussões socioambientais na contemporaneidade, dada a gravidade da crise ecológica, têm mobilizado esforços reflexivos de inúmeros autores e campos do conhecimento, a exemplo do pensamento de Ailton Krenak. Desse modo, este trabalho busca analisar a elaboração conceitual de “Cartografias para depois do fim”, presente na obra *Futuro Ancestral* (2022). Para isso, realizamos uma pesquisa bibliográfica e documental de abordagem qualitativa, descritiva e interpretativa, sob o aporte metodológico da análise de conteúdo. Concluímos que outras cartografias possíveis residem, subsistem e resistem no pensamento originário e ancestral, capaz de propor perspectivas alternativas diante das desestruturações sociometabólicas e do modo de vida insustentável presente no capitalismo contemporâneo. Essa perspectiva mobiliza a integração entre a espécie humana e o mundo natural, como possibilidade de resgatar e promover a ética e o *modus vivendi* necessários ao equilíbrio ecológico dos ecossistemas.

Palavras-chave: Ecologia. Cosmovisão. Ancestralidade.

"CARTOGRAPHIES FOR AFTER THE END": AN ANALYSIS OF THE ANCESTRAL INDIGENOUS PERSPECTIVE ON SOCIO-ENVIRONMENTAL ISSUES IN THE THOUGHT OF AILTON KRENAK

Abstract

Contemporary socio-environmental discussions, given the severity of the ecological crisis, have mobilized the reflective efforts of numerous authors and fields of knowledge, such as the thought of Ailton Krenak. Thus, this

Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 19, n. 37, jul. - dez. 2025
ISSN: 1982 -193X



work seeks to analyze the conceptual elaboration of "Cartographies for After the End," present in the work *Futuro Ancestral* (2022). For this, we conducted qualitative, descriptive, and interpretive bibliographic and documentary research, under the methodological framework of content analysis. We conclude that other possible cartographies reside, subsist, and resist in indigenous and ancestral thought, capable of proposing alternative perspectives in the face of the socio-metabolic disruptions and the unsustainable way of life present in contemporary capitalism. This perspective mobilizes the integration between the human species and the natural world, as a possibility of rescuing and promoting the ethics and *modus vivendi* necessary for the ecological balance of ecosystems.

Keywords: Ecology. Cosmvision. Ancestrality.

Processamento textual: Recebido em 2025-10-16 Revisado em 2025-11-17 Aprovado em 2025-01-12

Introdução

A atual crise ambiental tem requerido das sociedades humanas importantes reflexões e ações na tentativa de mitigar os efeitos alarmantes e catastróficos decorrentes das desestruturações entre o homem e o meio ambiente, além dos efeitos do sistema capitalista, que tem operado nocivamente no desequilíbrio dos ecossistemas (Mészáros, 2020; Marques *et al.*, 2021).

Desse modo, temos assistido no Antropoceno¹, à efervescência de novas perspectivas e propostas mobilizadas na tentativa de estruturar novos parâmetros políticos que acelerem a necessidade de estabelecermos outras relações entre as sociedades e a natureza, com o intuito de desviar o curso da história rumo a um fatídico apocalipse, apontando para a perspectiva de uma singularidade planetária e para a convocação de perspectivas plurais sobre o mundo, as quais implicam em distintas formas de habitar o planeta e de utilizá-lo, convocando a necessidade de responsabilização humana em escala planetária, tendo em vista os efeitos de nossas ações (Artaxo, 2014; Turin, 2022; Gleiser, 2024).

Com isso, foram propostos, por meio da educação ambiental, importantes apontamentos na tentativa de reverter esses efeitos, ficando definida a necessidade de conscientização acerca da finitude dos recursos naturais e da implementação, em todas as esferas, de políticas ambientais específicas e políticas energéticas alternativas que sejam menos agressivas ao meio ambiente, colocando-nos em uma constante reflexão sobre o desenvolvimento sustentável (Carvalho,

¹ Refere-se a atual era geológica marcada pelas desestruturações entre as relações humanas e o meio ambiente afetando os ecossistemas (More, 2022).

2011; Grzebieluka, Kubiak, Schiller, 2014; Lopes e Taques, 2016; Vidal, Nogueira, Campos, 2018; Brasil, 2022).

Dessa maneira, a literatura tem apontado a necessidade de se estabelecer uma justiça ambiental a partir de suas dimensões sociais e ecológicas, a qual necessita urgentemente de uma reestruturação valorativa e cultural do ser humano (Acselrad, Mello e Bezerra, 2009). É preciso reconhecer a incompatibilidade entre a cultura ocidental contemporânea hegemônica, com suas noções de desenvolvimento e progresso, e conservação da natureza (Diegues, 2001; Vieira, 2019). Desse modo, Vieira (2019) ressalta que a atual crise se refere a uma contradição insuperável na alma humana, responsável por extrapolar a condução política e a atuação jurídica, impossibilitando, na maioria dos casos, o estabelecimento de uma justiça ambiental.

Embora o desenvolvimento tecnológico e científico tenha resultado em mudanças de vida e em muitos aspectos positivos para a humanidade, seu poder destrutivo se desenvolveu de igual modo (Artaxo, 2014), entretanto, as ações necessárias para a promoção e produção de aspectos valorativos às atuais sociedades humanas acabam sendo legitimadas e justificadas, mesmo colocando em risco o equilíbrio dos ecossistemas, exigindo da sociedade contemporânea a necessidade de repensar sua ética, seus modelos de ciência e política, a partir da produção de novos arranjos institucionais capazes de estabelecer uma percepção crítica acerca dos riscos produzidos pela sociedade (Braga, 2018), mas que se responsabilize pelo rompimento com esse modelo de civilização ocidentalizada capaz de provocar a autoaniquilação (Marques, 2023).

Nesse contexto, um importante autor e intelectual indígena brasileiro, Ailton Krenak, tem se destacado na esfera pública a partir de suas produções e falas, as quais denunciam essa relação doentia entre a sociedade moderna colonialista e o meio ambiente (Krenak, 2018; 2019; 2020; 2022). Apontando para as perspectivas originárias e ancestrais como forma de possibilidade e resistência mobilizadas no rompimento com as perspectivas hegemônicas, que primam pela expropriação e degradação da natureza (Danner, Danner e Dorrico, 2019), direcionando-nos a perspectivas que valorizem essencialmente o resgate da percepção de integração da espécie humana como parte constitutiva da Terra e das demais espécies, de maneira a resultar no equilíbrio e no bem viver, respeitando as ecologias necessárias para a manutenção do equilíbrio ecológico (Arenhart, 2015; Leal, Neto e Nabozny, 2021).

Essa relação entre as sociedades humanas e a natureza, a partir de sua necessidade de retorno ecológico, já vem sendo trabalhada em inúmeros estudos, delineando a necessidade da

promoção de um ecossocialismo enquanto estabelecimento de um paradigma alternativo (Löwy, 2013). A saída proposta pelas energias renováveis e alternativas para minimizar os efeitos da crise (Teixeira e Toni, 2022), entretanto, em seus efeitos, tem se manifestado como insustentável (Marques, 2015; Marques *et al.*, 2021). A implementação de modelos sustentáveis a partir de uma perspectiva holística, responsável por integrar e priorizar os equilíbrios físicos, químicos e biológicos dentro da história da sociedade humana, a partir de seu funcionamento político e das formas de sociedade (Leite, Araújo e Vigoderis, 2025), ou até mesmo na tentativa de saídas mais globais para atender demandas específicas da humanidade, como os contributos da fitoterapia como alternativa para um futuro medicinal capaz de atender a aspectos econômicos e sociais, desafiando os efeitos do consumo no modo de produção capitalista (Ourives *et al.*, 2024).

Do ponto de vista econômico, tem sido observada a economia circular como um modelo alternativo capaz de respeitar a proteção dos direitos da natureza (Azevedo *et al.*, 2024), ou ainda, o potencial proposto pela estrutura e funcionamento da economia solidária, que, embora possua limitações, pode desempenhar um importante papel como alternativa às economias de mercado (Singer, 2008; Guidorsi *et al.*, 2021).

Mediante essas relações e os desafios sustentáveis que temos enfrentado, Moraes (2023) aponta um caminho promissor e alternativo advindo da resistência das comunidades tradicionais, indígenas, quilombolas, camponesas e ribeirinhas, fornecendo-nos subsídios para repensarmos os desequilíbrios socioambientais e promovermos a valorização de suas cosmovisões, em um movimento fundamental capaz de contribuir para a sustentabilidade e a preservação do meio ambiente (Yoshida e Penna, 2021).

Desse modo, este trabalho pretende analisar a noção de “Cartografias para depois do fim” na obra de Ailton Krenak, *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, capaz de fornecer subsídios para reflexões sobre a superação das crises ambientais e a promoção de um futuro não catastrófico e mais sustentável, a partir do estabelecimento de outras relações entre as sociedades humanas e a natureza, pautadas nas cosmovisões originárias e ancestrais.

A nossa hipótese reside na perspectiva de que a proposição das cartografias para depois do fim, como postuladas por Krenak (2022), ao desafiar as colonizações em torno de nossas éticas e ações, com base na valorização dos conhecimentos e saberes ancestrais e originários, pode promover o engajamento social e resultar em ações transformadoras significativas, capazes de

impulsionar um futuro possível por meio do resgate e da valorização dos saberes e conhecimentos ancestrais, frente às desestruturas socioambientais e às relações já insustentáveis entre o ser humano e a natureza.

Desse modo, pretendemos contribuir de maneira significativa para o aprofundamento dos debates teóricos (acadêmicos e científicos), principalmente em seus efeitos políticos, ao convidarmos e explorarmos o pensamento de Ailton Krenak a partir de perspectivas originárias e ancestrais, antes marginalizadas, mas que agora, na contemporaneidade, têm nos fornecido importantes contributos para repensarmos e redesenharmos as relações socioambientais, visando à promoção de um futuro possível.

Procedimento Metodológico

A constituição deste trabalho deu-se a partir de uma abordagem qualitativa (descritiva e interpretativa), com base em uma pesquisa bibliográfica e documental (Gil, 2002; Lima e Miotto, 2007; Prodanov e Freitas, 2013; Sousa, Oliveira e Alves, 2021). Dialogando com trabalhos publicados sobre questões ambientais, permitiu-nos estabelecer a sistematização e a compreensão do pensamento do autor, de maneira contextualizada à luz da literatura específica.

A fonte analisada consiste no livro *Futuro Ancestral*, de Ailton Krenak, organizado por Rita Carelli, pela Editora Companhia das Letras, em São Paulo, no ano de 2022. Trata-se de um conjunto de palestras, conferências, aulas, seminários, entrevistas e lives realizadas pelo autor ao longo dos anos de 2018 a 2022, sob o tema das atuais questões ambientais e da potência das cosmovisões dos povos originários na compreensão da atual crise e nas possíveis saídas alternativas frente ao iminente colapso ambiental.

Com isso, sob o método e as técnicas da análise de conteúdo, como propostas por Bardin (2016), recortamos, para a constituição de nosso *corpus* de análise, o segundo capítulo, intitulado “Cartografias para depois do fim”, a fim de identificar a perspectiva do autor e sua elaboração teórico-conceitual para a leitura e compreensão dos tempos históricos (Hartog, 2013). A análise dos dados se dá à luz da literatura, mobilizando os conteúdos reflexivos desenvolvidos no âmbito das questões ambientais e da ecologia.

Resultados e Discussão

A obra *Futuro Ancestral* encontra-se organizada em cinco textos que compõem os capítulos: “Saudações aos rios”, “Cartografias para depois do fim”, “Cidades, pandemias e outras geringonças”, “Alianças afetivas” e “O coração no ritmo da terra” (Krenak, 2022). Com o objetivo de refletir sobre a relação entre a humanidade e o meio ambiente, o autor aponta a perspectiva indígena (originária e ancestral) como uma possibilidade alternativa de superação dos dilemas modernos, tendo em vista sua pré-existência e historicidade ao longo do tempo, a partir de uma relação capaz de respeitar os ciclos de recuperação ecológica e, portanto, de promover a manutenção e preservação da natureza essencial a vida.

Desse modo, o autor busca apresentar aspectos das cosmovisões indígenas que representam suas perspectivas em relação à criação das coisas e à maneira como estas se relacionam com os recursos, estabelecendo um convite para repensarmos os nossos modelos sociais e os nossos elos com a ancestralidade, por meio da proposição de novas cartografias, como podemos observar:

De ré, poderíamos dizer que no princípio era a folha. Outras narrativas vão dizer que no princípio era o verbo. Outras ainda vão criar paisagens bem diversas, e isso é maravilhoso. Entre tantos mundos, me sinto especialmente tocado pelas histórias que nos aproximam dos seres invisíveis aos olhos turvos de quem não consegue andar na Terra com a alegria que deveríamos imprimir em cada gesto, em cada respiro. [...] Pois quando dizemos mundo, pensamos logo neste, em incessante disputa instaurada por uma gestão que deu metástase: o do capitalismo - que alguns já chamam de capitaloceno (Krenak, 2022, p.31-31)

Neste primeiro recorte, percebemos a multiplicidade de narrativas e como algumas perspectivas ancestrais estabelecem conexões com o invisível e a espiritualidade, como presente em cosmovisões originárias. Para Costa (2014), a cartografia é responsável por colocar em relação saberes que envolvem múltiplos campos do conhecimento, os quais se sobressaem e se atravessam com dimensões históricas, psicológicas, sociológicas e filosóficas, produzindo, muitas vezes, um saber vacilante em relação à realidade sobre a qual se debruça (Costa, 2014). Nesse direcionamento, as narrativas de fundação e criação do mundo, embora pareçam ingênuas, desenvolvem um papel importante e fundamental na percepção que estabelecemos acerca dos sujeitos e do mundo natural, podendo, desta maneira, sacralizá-lo ou objetificá-lo, como temos observado em nossos dias (Garcia, Odair José Alves; Motta, 2015).

Ademais, outro aspecto importante é justamente a maneira como perspectivas e narrativas diversas podem se fazer presentes dentro da esfera pública e coexistir na manutenção e na constituição de uma perspectiva plural no âmbito social. A título de exemplo, destaca-se o predomínio da narrativa cristã. Quando essas concepções são tomadas como a única perspectiva possível, resultam em inúmeras intolerâncias e experiências que afetam diretamente a vida dos sujeitos. É justamente por meio da adoção de perspectivas plurais, defendidas pelo autor, que se torna possível criar e estabelecer novas formas de se relacionar com as paisagens, além de valorizar e preservar suas diversidades.

Como apontam Cunha e Ferreira (2017), a perspectiva hegemônica ocidentalizada cristã concebe a espécie humana como administradora, responsável por governar a Terra. Entretanto, em decorrência do pecado, essa visão tem resultado nas práticas de degradação ambiental, conduzindo ao desequilíbrio dos ecossistemas e à extinção de muitas espécies, além das destruições nas relações humanas. Embora a ética cristã tenha operado significativamente na consolidação do sistema capitalista (Weber, 2004), para Rodrigues (2012), a perspectiva de depredação e devastação do meio ambiente contraria a ordem criacional de exercer domínio sobre a criação de forma responsável. Assim, as destruições e equívocas que disputam a ética capitalista ocidental, responsável pelas mazelas socioambientais, deve ser combatida em seus efeitos, como denuncia Krenak (2022), para promoção de um futuro sustentável.

Essa perspectiva, defendida por Krenak (2022), resgata outras percepções acerca da territorialidade, a qual, para além do recurso natural e exterior, também envolve a percepção do sujeito, responsável por criar e perceber mundos possíveis e paisagens. A territorialidade, por sua vez, designa um processo plural que envolve a apropriação, o controle, os usos e as atribuições de significados em relação a uma parcela do espaço, concebendo assim os aspectos exteriores e as relações sociais e simbólicas que constituem as territorialidades subjetivas dos sujeitos (Godoi, 2014).

Com isso, Krenak, por meio de sua perspectiva originária, sente-se mobilizado pelas histórias que correlacionam a dimensão da espiritualidade aos elementos e à constituição da espécie humana com a Terra, sendo capaz de produzir sentidos e fornecer plausibilidade aos sonhos que carregam as múltiplas manifestações das sociedades humanas. Dessa forma, o autor postula uma perspectiva romântica e afetiva de se relacionar com o mundo natural, a qual deve se expressar em cada gesto e em cada elemento do cotidiano humano ao perceber a sacralidade da

vida. São essas relações com a territorialidade que Little define como a concepção de cosmografia, um conjunto de saberes ambientais, ideologias e identidades criadas coletivamente e historicamente situadas no tempo e no espaço, representando um grupo social e estabelecendo e mantendo seus territórios (Little, 2002).

São justamente os efeitos do sistema capitalista que têm ameaçado toda a diversidade do mundo natural, incluindo a espécie humana (Löwy, 2013). Desse modo, Krenak (2022) coloca o sistema capitalista como algo que, embora paradigmático e aparentemente insuperável, já não possui mais sustentação, estando corroído como uma metástase. Assim, o mundo contemporâneo acaba sendo atravessado por constantes disputas acerca do sistema capitalista e de seus efeitos sobre as formas de se relacionar com a natureza e outras espécies. A acumulação do capital, por si só, transforma o meio natural em mercadoria, provocando a mercantilização da natureza e acarretando crises estruturais do capitalismo e crises socioambientais (Löwy, 2013). Esses efeitos são responsáveis por produzir relações desniveladas e inúmeras contradições (Aguiar e Bastos, 2012), conduzindo e reduzindo a relação entre o ser humano e a natureza a uma perspectiva utilitária da vida e dos recursos naturais (Krenak, 2020).

Nesse cenário, resta-nos o desafio utópico de pensar e imaginar a possibilidade de outros mundos cada vez mais inclusivos e plurais, como destaca Krenak:

O desafio que proponho aqui é imaginar cartografias, camadas de mundos, nas quais as narrativas sejam tão plurais que não precisamos entrar em conflitos ao evocar diferentes histórias de fundação. É maravilhoso que ainda existam essas memórias nas tradições de centenas de povos, seja nas Américas, na África, na Ásia... Essas narrativas são presentes que nos são continuamente ofertados, tão bonitas que conseguem dar sentido às experiências singulares de cada povo em diferentes contextos de experimentação da vida no planeta. (Krenak, 2022, p.32-33)

As cartografias do autor tratam de desafios imaginários capazes de nos provocar e de nos instar a repensar as camadas do nosso mundo, nas quais as narrativas produzidas permeiam e controlam essas relações. Essas narrativas devem ser cada vez mais plurais, capazes de desviar os conflitos e de convocar histórias alternativas e necessárias para a constituição de uma pluralidade e para o estabelecimento de relações não hegemônicas, cujos efeitos já temos experienciado em nosso tempo. As cartografias, neste caso, como define Costa (2014), referem-se à criação de mundos, a qual Krenak (2022) nos convoca a repensar.

Nesse contexto, é essencial evidenciar a percepção em torno da necessidade de preservação das memórias que têm sido mantidas e gestadas na tradição de inúmeros povos ao longo do globo

Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 19, n. 37, jul. - dez. 2025
ISSN: 1982 -193X

terrestre, nas Américas, na África e na Ásia. Memórias que, pela nossa insensibilidade atual, não temos sido capazes de perceber e ouvir e, portanto, de nos beneficiar com as possibilidades que essas novas cartografias poderiam instaurar no cerne do nosso pensamento para a promoção do bem viver. Com isso, no desafio de construir cartografias, o cartógrafo é afetado por aquilo que produz, sendo capaz de identificar os processos e não apenas o seu fim, dada a continuidade da natureza, que constitui o elemento que observa e investiga (Costa, 2014), nos direcionando a sonhar com outros mundos possíveis.

Essas cartografias, embora não sejam neutras ou transparentes, consistem em recortes e reflexos de manifestações materiais e simbólicas que se encontram em constante movimento, necessitando de leitores com sensibilidades plurais e da percepção de um caráter movente e provisório (Costa, 2014), mas necessário aos nossos dias. Desse modo, no exercício de produzir cartografias, é necessário perceber onde nos encontramos e compreender que não estamos de fora do movimento que observamos (Costa, 2014), mas que podemos agir e somos coparticipantes dos movimentos engendrados na história, seja para a manutenção ou para o rompimento das lógicas coloniais e dos sistemas que articulam a relação entre o ser humano e a natureza.

Essa perspectiva, defendida por Krenak (2022), pode, com seus efeitos, fornecer sentidos para as experiências em distintos contextos, permitindo-nos perceber a possibilidade de outras experimentações na vida no planeta Terra. Talvez só tenhamos consolidado essa forma de vida por não termos experimentado outras que poderiam ser igualmente efetivas e acarretar à espécie humana tamanha felicidade, respeitando os ciclos ecológicos e o equilíbrio dos ecossistemas, operando para a manutenção da vida e para a perpetuação das espécies. Para ele é justamente a criação e a percepção dessas novas cartografias que mediam nossa relação com o mundo biofísico, permitindo-nos conceber mundos plurais que primam pelo respeito à diversidade e às diferenças desde sua concepção fundacional. São essas cartografias as principais responsáveis por produzir e representar os encontros (Costa, 2014) que se referem às ações e às intervenções humanas no mundo natural e na história.

Outro elemento importante é a forma como esses povos se relacionam e expressam suas conexões com a Terra, distintas da perspectiva capitalista, consumista, utilitarista e ocidentalizada, como se segue:

Nossos parentes Guarani da Mata Atlântica, dessa borda de mar que chamam de ‘nhé ere’, ou lugar que produz vida, pensam na região como uma paisagem e, ao mesmo tempo, uma fonte incessante de vida. A primeira vez que esses queridos parentes compartilham comigo sua narrativa de criação de mundos, aprendi que dois gêmeos primordiais tiveram que dobrar a Serra do Mar e fazer esse contraforte para que a Água Grande, o mar, não avançasse sobre o continente. Achei linda essa história que explica a topografia. A formação das Montanhas, dos vales, dos corpos da água onde se habita. [...] à ocupação de seus territórios e a violência que devasta esse lugar que seus espíritos enxergam e suas palavras traduzem através de uma cartografia afetiva. (Krenak, 2022, p.33-34)

Ao convocar a perspectiva Guarani da Mata Atlântica, o autor demonstra a relação que esse povo estabelece com a região e a paisagem, enquanto fonte incessante de vida. A ênfase dada nesse recorte advém justamente da desestruturação sociometabólica do sistema capitalista, a qual tem resultado apenas em expropriação e morte (Gurgel, 2008; Behring, 2018). Com isso, as narrativas gestadas em berços ancestrais de criação do mundo permitem estabelecer percepções sensíveis acerca de como se formaram os elementos da natureza. Para além dessa relação, a percepção sobre os elementos geográficos e topográficos territoriais é primordialmente marcada pela dimensão espiritual de sua constituição e fundação, o que atribui à natureza um espírito, um direito de existir e uma sacralidade. Dessa maneira, impõe-se às ações humanas a responsabilidade diante desses elementos concebidos como animistas.

Desse modo, a ocupação dos territórios e a violência não marcam apenas o espaço físico, mas também sua dimensão espiritual, tornando as perspectivas que se alinham ao sistema capitalista incapazes de captar e observar para além da materialidade da vida. Nesse cenário, como destaca Krenak (2022), faz-se necessária, portanto, a convocação de cartografias afetivas, ou seja, cartografias que primam por estabelecer relações afetivas entre as sociedades humanas e o mundo natural.

Essas narrativas e perspectivas outras, que operam paralelamente e resistem às narrativas e ideologias dominantes, do ponto de vista originário, não apenas moldaram o mundo biofísico, mas também nossa constituição e a maneira como nos relacionamos com o exterior, tornando-nos não donos, mas coexistentes e parceiros na habitação existencial. Desse modo, as relações que as sociedades humanas estabelecem com o mundo material podem refletir-se em territórios subjetivos, afetivos, estéticos etc., ao representarem a relação entre a concretude material exterior e a subjetividade, que, ao mesmo tempo, perfaz elementos singulares e coletivos (Costa, 2014).

Se até aqui pontuamos a necessidade da concepção de outras cartografias que primem pelo afeto enquanto comprometimento político, capaz de afetar a vida humana em suas relações com o meio ambiente, mobilizando a capacidade e o potencial criativo para a recriação de resistências e narrativas em torno do iminente fim do mundo, como se pode observar:

Diferente de outros povos nativos daqui [...] agora, decidiram ocupar um antigo território de suas narrativas, e esse povo é capaz de reconstruir toda a fauna e a flora desse lugar onde quase não existem mais bichos e plantas. [...] Em meio a uma mentalidade fazendeira, conseguem enxergar um território cheio de espíritos e falar com o mundo invisível. Um povo como esse, mesmo quando expropriado de tudo e sem ter nem chão pra pisar, ainda consegue recriar um lugar para ser habitado. (Krenak, 2022, p.35-36)

Um exemplo significativo de como essas cartografias afetivas podem impactar diretamente a relação do ser humano com o meio biofísico se apresenta quando observamos os movimentos de retomada e reterritorialização ancestral, nos quais há um aumento no potencial de resgatar toda a biodiversidade (Ayres, 2022), mesmo diante de ambientes hostis, em que a vida já se extinguiu em decorrência dos efeitos de um mundo que objetifica a natureza. Para Haesbaert (2004), o território possui tanto uma significação material quanto simbólica, refletindo assim tanto os aspectos mais concretos da dominação quanto os elementos simbólicos da apropriação, demonstrando como as diferentes sociedades se relacionam com o espaço. Com isso, em sua dinâmica de funcionamento, reflete os aspectos da dominação política e econômica, articulados aos seus elementos funcionais, que refletem a apropriação subjetiva, cultural e simbólica (Haesbaert, 2009).

Como aponta Krenak (2022), são essas cartografias que afetam e representam a manifestação de suas cosmovisões, permitindo-nos estabelecer outras formas de habitar e de (re)territorializar, principalmente de resistir e reconstruir uma sociedade doente e catabolizada. Essas presenças não apenas habitam o mundo, mas o tornam cada vez mais plural, rico em biodiversidade e conhecimentos, tornando-o mais habitável e biofísicamente diversificado.

São essas perspectivas que podem, de fato, adiar o fim do mundo. Como defende Krenak (2022), não o fim deste, mas o fim da perspectiva que coíbe o ato de sonhar e habitar um mundo inclusivo, habitável e plural para todas as espécies, e não apenas como um objeto pertencente e explorado desenfreadamente pelos desejos humanos. Essas perspectivas são capazes de estabelecer uma importante oposição às manifestações do pensamento que reduzem as relações territoriais à objetificação e, portanto, impossibilitam a observação e a percepção das dimensões

espirituais do mundo invisível em sua articulação com os recursos da natureza. É a partir dessas relações antagônicas que podemos observar a culminância das narrativas de fim do mundo ou de esperança. Vejamos:

[...] não podemos nos render a narrativa de fim de mundo que tem nos assombrado, porque ela serve para nos fazer desistir dos nossos sonhos, e dentro dos nossos sonhos estão as memórias da Terra e de nossos ancestrais. Estamos vivendo num mundo onde somos obrigados a mergulhar profundamente na Terra para sermos capazes de recriar mundos possíveis. Acontece que nas narrativas de mundo, onde só humano age, essa centralidade silencia todas as outras presenças. (Krenak, 2022, p.37)

Com isso, os territórios implicam produções históricas advindas de processos sociais, políticos e subjetivos, afetando diretamente as condutas de territorialidade de cada grupo (Little, 2003). O problema dessas ações e de seus efeitos inconsequentes, que são responsáveis por ameaçar as formas de manifestação da vida e as habitações do nosso planeta, advém justamente de seu potencial de destruir a capacidade humana de carregar sonhos, os quais se encontram intrinsecamente relacionados às memórias da Terra e dos nossos ancestrais.

Embora o cenário possa parecer irreversível e incontornável, a atitude humana deve ser de enfrentamento e resistência. Essas novas cartografias afetivas têm o potencial de reabilitar e revitalizar ambientes desolados, devastados e inanimados pela exploração e dominação humana. A perda dessa diversidade de perspectivas, memórias e narrativas constitui uma perda existencial para o universo ao qual estamos conectados e integrados (Marques, 2023). Entretanto, é possível superar o que Diegues (2001) argumenta como o mito moderno da natureza intocada, destacando que a relação entre as populações tradicionais, como indígenas e pescadores artesanais, é mediada e permeada por distintas interações entre as culturas humanas e a natureza, envolvendo o uso dos recursos tanto para subsistência quanto para suas manifestações culturais.

Se a narrativa hegemônica ocidentalizada tem profetizado o fim, as cosmovisões originárias e ancestrais podem recolocar e traçar novas rotas, permitindo enxergar ali novos contextos e possibilidades a partir da resistência e do enfrentamento, pautados no resgate dos aspectos de ser e estar no mundo de maneira que respeite e reconheça a humanidade como parte necessária e constitutiva do todo, promovendo o cuidado e a preservação ancestral (Krenak, 2022).

Para Krenak (2022), o atual mundo moderno tem nos impulsionado à necessidade de mergulharmos nas profundezas e no interior da Terra, retomando a capacidade de recriar

mundos possíveis. Pois, nas narrativas em que as ações humanas ganham centralidade, o silêncio predomina sobre as outras presenças, violentando as demais existências e estabelecendo, de forma errônea e nociva, apenas uma única forma de ser e estar. São essas narrativas que criam e sustentam histórias únicas (Adichie, 2019). Mas, para que outras formas sejam possíveis, é preciso caminhar no sentido da desconstrução do colonialismo e de seus efeitos, pautando-se na constituição de novas cartografias afetivas, como se segue:

Se o colonialismo nos causou um dano quase irreparável foi o de afirmar que somos todos iguais. Agora a gente vai ter que desmentir isso e evocar os mundos das cartografias afetivas, nas quais o rio pode escapar ao dano, a vida, à bala perdida, e a liberdade não seja só uma condição de aceitação do sujeito, mas uma experiência tão radical que nos leve além da ideia de finitude. (Krenak, 2022, p.42-43)

Na perspectiva de Krenak (2022), os danos do colonialismo são irreparáveis, justamente por buscar colocar toda a diversidade humana sob a falácia da igualdade, violentando a diversidade e a pluralidade da espécie humana. Um de seus efeitos é a formatação e o cerceamento da diversidade e da pluralidade de formas de ser, sentir e existir. Com isso, é necessária à espécie humana a busca pela desconstrução, a fim de desmentir e romper com essa perspectiva, permitindo que cartografias afetivas sejam possíveis e rompendo com os danos que essas visões hegemônicas e nocivas têm acarretado à vida humana, às demais espécies e aos recursos naturais.

De acordo com Keith (1988), é importante destacar as transformações nas relações entre os seres humanos e a natureza, considerando aspectos como a modificação das paisagens, a domesticação dos animais e a mudança nas atitudes, que representam as complexas interações entre as culturas humanas e a ecologia. Seguindo um ideal de urbanidade, esse processo implicou a exploração intensiva dos recursos naturais e o conseqüente distanciamento da natureza, promovendo uma perspectiva utilitarista do meio ambiente, que resultou em sua degradação. Desse modo, os movimentos de preservação foram fortemente afetados pelo desenvolvimento da consciência ambiental. Entretanto, ratifica-se a necessidade da defesa de uma perspectiva cada vez mais plural, capaz de respeitar a diversidade e a pluralidade de visões no cenário público, sendo essencial para que não caiamos novamente na promoção e na manutenção das intolerâncias e desigualdades que justificam e legitimam os massacres e as violências coloniais, como temos visto ao longo da história (Krenak, 2022).

Dessa maneira, é preciso que os sentidos utilitaristas atribuídos aos recursos e à vida também sejam desconstruídos e irrompidos, inaugurando novos sentidos que possam incluir, incorporar, *Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 19, n. 37, jul. - dez. 2025*
ISSN: 1982 -193X

resgatar e revitalizar a percepção e o status desses elementos dentro da dinâmica das narrativas e do relacionamento humano com os recursos naturais (Krenak, 2022). Conforme aponta Oliveira (2011), embora ao longo da história a natureza tenha sido percebida de diferentes formas, são justamente os efeitos dominantes da ideologia burguesa que a colocam no status de unidade diferenciada, na qual o trabalho humano se apresenta como o centro dessas relações. Assim, torna-se necessário um desarranjo e um rearranjo ancestral que possibilitem a construção de histórias e relações socioambientais menos nocivas.

Como aponta Saraiva (2022), diante das crises da sociedade do capital, outros mundos só se tornam possíveis a partir das cosmovisões ancestrais, que produzem alternativas e abrem caminhos para a construção de novas realidades. São essas epistemes da *Abya-Yala* (América) que permitem descolonizar e construir o bem viver em relação à Mãe Terra. São essas cosmovisões que promovem horizontes diversos e plurais, a partir das relações sociais e materiais envolvendo a natureza.

Nesse cenário, faz-se necessário reivindicar movimentos que demandem novas e outras cartografias verdadeiramente afetivas e afetadas, concebidas no sujeito e pelos sujeitos, capazes de fomentar a possibilidade de mundos e existências outras, tão necessárias. E que essas existências não sejam reduzidas ao que é apenas externo e material, nem ao uso para enriquecimento econômico, mas que representem a possibilidade de perpetuação e manutenção da vida humana e das demais espécies na história da civilização.

Considerações Finais

Este trabalho buscou analisar a noção de “Cartografias para depois do fim” na obra de Ailton Krenak, *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, partindo da hipótese de que a construção de “cartografias para depois do fim” exige a descolonização do pensamento, juntamente com a valorização da sabedoria ancestral dos povos indígenas, permitindo e sendo possível apenas a partir do estabelecimento de outras cartografias – cartografias estas afetivas –, para adiar o fim do mundo diante das desestruturações socioambientais e das relações insustentáveis entre o ser humano e a natureza. Faz-se necessário o resgate de perspectivas ancestrais e originárias, a fim de promover o engajamento social para a construção de futuros alternativos possíveis, que não

resultem na centralidade das ações humanas, as quais têm violentado outras formas de ser e estar no mundo.

Desse modo, percebemos como essas outras perspectivas, desde seus discursos fundacionais, permitem estabelecer e restabelecer novas relações entre o ser humano e o meio ambiente. Com isso, Krenak (2022) evidencia e denuncia a necessidade de perspectivas plurais, pois, sendo únicas, as hegemônicas acabam por violentar a diversidade, cercear o pensamento e resultar em inúmeras violências e intolerâncias. Somente dessa forma conseguimos enxergar um outro futuro possível, oposto àquele que já se auto profetiza como o fim, com o auto aniquilamento da vida, das subjetividades e das existências para além da espécie humana.

Ademais, devemos destacar a pertinência de autores pertencentes a povos e comunidades tradicionais, como Krenak, que têm convocado a esfera pública e o debate crítico reflexivo, a partir de suas cosmovisões ancestrais, fornecendo-nos perspectivas capazes de romper e desestabilizar as estruturas e as dominações coloniais, algo tão necessário à nossa sociedade contemporânea. Embora se trate de uma aproximação inicial, vemos a potência das releituras dos tempos históricos, que denunciam as imposições do colonialismo, mas que agora se tornam incontornáveis diante das desestruturações sociometabólicas do nosso atual modo de produção, o capitalismo, e de seus efeitos radicais.

São esses movimentos os responsáveis por resgatar e promover a valorização dos conhecimentos e saberes ancestrais e originários. Assim, vemos a proposição de cartografias afetivas que traduzem a percepção e a relação do mundo biofísico natural como apropriado pelas relações humanas. Desse modo, essas cartografias representam e ressignificam perspectivas sobre os recursos e os elementos naturais, as topografias, os lugares, as territorialidades e as espacialidades, fornecendo-nos importantes narrativas que atribuem novos sentidos aos elementos materiais, associando-lhes aspectos da espiritualidade. São elas capazes de revitalizar e se comprometer com a ecologia dos ecossistemas, de adiar o fim do mundo e de nos proporcionar releituras e sonhos para novos e outros futuros, pautados na ancestralidade e na mundividência de povos e comunidades tradicionais.

À medida que concebemos essas novas cartografias afetivas, ratificamos o imbricamento essencial entre as mundividências tradicionais e seus efeitos, responsáveis por estabelecer novas relações entre sociedades humanas e o mundo natural. Faz-se cada vez mais necessária a convocação de perspectivas plurais e inclusivas, que respeitem e promovam a percepção de

integração do sujeito ao mundo biofísico e que valorizem toda a sociodiversidade para a perpetuação e manutenção da vida. Isso se contrapõe ao colapso que pode culminar na extinção de vidas e existências essenciais e constitutivas da nossa história civilizacional, sendo essas perspectivas capazes de nos munir de reflexões para a superação das crises ambientais e para a construção de relações socioambientais sustentáveis.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

AGUIAR, João Valente; BASTOS, Nádia. Uma reflexão teórica sobre as relações entre natureza e capitalismo. **Revista Katálysis**, v. 15, p. 84-94, 2012.

ARTAXO, Paulo. Uma nova era geológica em nosso planeta: o Antropoceno? **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 103, p. 13–24, 2014. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i103p13-24. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/99279>. Acesso em: 13 fev. 2025.

ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecília Campello Amaral; BEZERRA, Gustavo das Neves. **O que é Justiça Ambiental?** Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edição revisada e ampliada. Porto: Edições Asa, 2016.

ARENHART, Débora França. JUSTIÇA AMBIENTAL. **Ponto de vista Jurídico**, p. 35-57, 2015.

AYRES, Ariadne Dall'Acqua. **Os Kaingang do Paraná e a Conservação da Biodiversidade: conhecimentos, práticas e valores tradicionais**. 2022. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

BEHRING, Elaine Rossetti. Fundo Público, exploração e expropriações no capitalismo em crise. **Expropriação e Direitos no capitalismo**. BOSCHETTI, I.(ORG). São Paulo: Cortez, 2018.

BRAGA, Maria Regina Almeida Reis. Modernidade e Crise Ambiental: Das Incertezas dos Riscos à Responsabilidade Ética. **Trans/Form/Ação**, v. 41, n. 2, p. 197-219, 2018.

Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/trans/a/K8Cj5mFky7B39SpVpHWt34F/>>. Acesso em: 7 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Caderno Meio Ambiente [livro eletrônico]: Educação ambiental: educação para o consumo** / curadoria Maria Luciana da Silva Nóbrega. Brasília, DF: Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, 2022.

CARVALHO, Ely Bergo de. Uma História para o Futuro: O desafio da Educação Ambiental para o Ensino de História. **Revista História Hoje**, v. 5, p. 1-10, 2011.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista digital do LAV**. Santa Maria, UFSM. Vol. 7, n. 2 (maio/ago. 2014), p. 65-76, 2014.

DA CUNHA RIBEIRO, Reyth; FERREIRA, Sulianne Idalior Paião. UMA ABORDAGEM ECOTEOLÓGICA DE GÊNESIS 1.27 E 2.15. **Pax Domini**, v. 2, n. 2, p. 146-165, 2017.

DANNER, Leno Francisco; DORRICO, Julie; DANNER, Fernando. **A literatura indígena brasileira, o movimento indígena brasileiro e o regime militar: uma perspectiva desde Davi Kopenawa, Ailton Krenak, Kaká Werá e Alvaro Tukano**. Espaço Ameríndio, v. 12, n. 2, p. 252-252, 2018.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Ed. Hucitec. 2001.

GARCIA, Odair José Alves; MOTTA, Gabriela Massuia. A instrumentalização da razão e a objetificação da Natureza: construção de uma ética não ambiental. **ANAIS DO SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E COLÓQUIO DE PESQUISA**, v. 1, n. 10, p. 286-300, 2015.

GIL, A. **Como fazer uma pesquisa científica: técnicas e procedimentos**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GURGEL, Wildoberto Batista. **Direitos sociais dos moribundos: controle social e expropriação da morte nas sociedades capitalistas**. 2008. 312 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2008.

GODOI, E. P. de. Territorialidade: trajetória e usos do conceito. **Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, [S. l.], v. 34, n. 2, p. 8-16, 2014. DOI: 10.37370/raizes.2014.v34.411. Disponível em: <<https://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/411>>. Acesso em: 11 fev. 2025.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi; KLAUS, Viviane; PEREIRA, Ana Paula Marques. Pesquisa documental histórica e pesquisa bibliográfica: focos de estudo e percursos metodológicos. **Pro-Posições**, v. 33, p. e20200141, 2022.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, p. 16, 2004.

HAESBAERT, Rogério. **Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, p. 95-120, 2009.

HARTOG, F. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KEITH, Thomas. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Editorial Schawarcz, 1988.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. Edição organizada por Rita Carelli. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. Ecologia política. **Ethnoscintia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology**, v. 3, n. 2, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/ethnoscintia.v3i2.10225>

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEAL, Fellipe Guerin; NETO, Francisco Quintanilha Veras; NABOZNY, Gabriela Consolaro. Ecologia política e conflitos ambientais: lutas por justiça ambiental. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 13, n. 2, p. 535-549, 2021.

LITTLE, Paul. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Anuário antropológico**, v. 28, n. 1, p. 251-290, 2003.

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2002.

MARQUES, Juracy (org.). **Natureza Sagrada e Sangrada**. São Paulo: Editora SABEH, 2015.

MARQUES, Juracy; BARRETO, Andreza; BARRETO, Flávio Marques C.; MAIA, Ícaro. **Cárcere dos Ventos: destruição das serras pelos complexos eólicos**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Ecologia Humana, 2021.

MAIA, Ícaro. **O Cárcere dos Ventos: Destruição das Serras pelos Complexos Eólicos**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Ecologia Humana (SABEH), 2021. Disponível em: <<https://observatoriodaenergiaeolica.ufc.br/wp-content/themes/news/livro-carcere-dos-ventos-destruicao-das-serras-pelos-complexos-eolicos.html>>. Acesso em: 8 fev. 2025.

MOORE, Jason W. Antropoceno ou capitaloceno. **Natureza, história e a crise do capitalismo**, 2022.

OLIVEIRA, A. M. S. de. RELAÇÃO HOMEM/NATUREZA NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA. *PEGADA - A Revista da Geografia do Trabalho*, [S. l.], v. 3, 2011. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/793>>. Acesso em: 11 fev. 2025.

PRODANOV, C.; FREITAS, E. **Pesquisa Bibliográfica: Fundamentos e Práticas**. Porto Alegre: Editora Acadêmica, 2013.

RODRIGUES, Stélio João. Princípios ambientais e sua relação com o mandato cultural expresso em Gênesis 1.26-31 e Gênesis 2.5-8. **GÊNESIS**, v. 2, p. 8, 2012.

SARAIVA, Isabella Leonel Ferreira. **Cosmovisão Ancestral do Povo Misak: Descolonizar e Plantar o Bem Viver**. 2022. 123 f., il. (Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca, 2022.

SASSO DE LIMA, T. C.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, v. 10, n. 3, p. 4-15,

2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/>>. Acesso em: 7 fev. 2025.

SINGER, Paul. Economia solidária. **Estudos avançados**, v. 22, n. 62, p. 289-314, 2008.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.

TURIN, Rodrigo. A “catástrofe cósmica” do presente: alguns desafios do Antropoceno para a consciência histórica contemporânea. In: **História do tempo presente: mutações e reflexões**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2022.

VIEIRA, Luana Saraçol. A Crise Ambiental Contemporânea: Reflexões a Partir de uma Abordagem Integrada entre os Seus Aspectos Socioambiental, Ecológico e Cultural. **Revista Jornal de Direito Livre e Democrático (RJLB)**, 2019. Disponível em: <https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2019/1/2019_01_1311_1338.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2025.

VIDAL, Douglas Bitencourt; NOGUEIRA, Monessa Tedoldi; CAMPOS, Thuany Souza. Um caso de sucesso: metodologias que potencializam a Educação Ambiental no ensino fundamental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 13, n. 4, p. 66-78, 2018.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

YOSHIDA, Consuelo Yatsuda Moromizato; PENNA, Maria Cristina Vitoriano Martines. A importância das comunidades tradicionais para a proteção e preservação do meio ambiente e do patrimônio histórico-cultural. **Revista Direito UFMS**, v. 7, n. 1, p. 71-91, 2021.